

O GATO E O ESCURO: UMA FÁBULA NA FRONTEIRA ENTRE O DIA E A NOITE

CONCÍCIA LOPES DOS SANTOS – PPgEL – UFRN
ILZA MATIAS DE SOUSA – ORIENTADORA

RESUMO

A problemática que envolve a conceituação da fábula é tão discutível quanto sua definição. Essa discussão vem desde o poeta grego Hesíodo e ainda não pôde ser fechada. Seja oriunda de transformações de contos populares, seja ligada à literatura aforística, o fato é que a fábula ainda encanta crianças e adultos nos dias de hoje. E não deixa de ser transformada. Isso pode ser observado em produções como *O gato e o escuro* (2008), de Mia Couto, escritor moçambicano. No limiar entre o conto e a fábula, o autor conta a história de Pitalgato, um gatinho desobediente, corroborando o que afirma Derrida: “A possibilidade de limites de um gênero encontra-se sempre já solapada pela impossibilidade de se manter aqueles mesmos limites”. O objetivo deste estudo é analisar os limites (ou a falta deles) da fabulação expressa no livro, a qual se encontra entre o conto e a fábula propriamente dita.

1 INTRODUÇÃO

A possibilidade de limites de um gênero encontra-se sempre já solapada pela impossibilidade de se manter aqueles mesmos limites. (Jacques Derrida)

O gato e o escuro (2008) é um livro de Mia Couto, escritor moçambicano, dedicado ao público infanto-juvenil, embora nem mesmo ele saiba como isso aconteceu.

Não sei se alguém pode fazer livros “para” crianças. Na verdade, ninguém se apresenta como fazedor de livros “para” adultos. O que me encanta no acto da escrita é surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância. E lidar com o idioma como se ele estivesse ainda em fase de construção, do mesmo modo que a criança converte o mundo inteiro num brinquedo. Eu penso assim e, por todas estas razões, nunca acreditei que, um dia, eu escreveria uma história que iria constar de um livro infantil. Mas sucedeu assim. (COUTO, 2008, p. 05).

O livro conta a história de Pitalgato, um gatinho desobediente, misto de curiosidade e intrepidez. O que mais lhe chamava a atenção era o escuro, que ficava depois do pôr de algum sol. Mia Couto diz que “esta é uma história contra o medo e ressalta: “A maior parte dos medos que sofremos, crianças e adultos, foi fabricada para nos roubar a curiosidade e para matar a vontade de queremos saber o que existe para além do horizonte.” (COUTO, 2008, p. 05).

A história é um misto de fábula e conto, situada entre o dia e a noite. Segundo o dicionário, fábula é uma “curta narrativa que contém uma lição moral” (HOUAISS), já o conto é uma “história curta em prosa, com um só conflito e ação, e poucos

personagens”(HOUAISS). Nota-se que as duas significações são relativamente vagas. Ambas assemelham-se pelo seu caráter de extensão, são duas narrativas curtas. Não há, no dicionário, em esclarecimento sobre as características dos personagens que povoam uma ou outra. É claro que cada um desses gêneros possui suas características particulares, mas que são bastante sutis, o que permite dizer que a história do gatinho Pintalgato está na fronteira entre um gênero e outro.

Por isso, este estudo pretende analisar os limites que separam (ou que unem) esses dois gêneros – o conto e a fábula – na construção da narrativa.

2 SOBRE OS GÊNEROS

Ismael dos Santos, no capítulo “Fábulas e fabulistas”, de seu livro *Homens, raposas e uvas* (2003), faz uma compilação do que se tem produzido até então sobre a fábula, pelo menos no campo literário ocidental. Ele explica:

O poeta grego Hesíodo nivela *ainos* (força mítica da fábula) ao mito, com o sentido de história que encerra uma verdade. Em contrapartida, Teon, mestre retor de uma academia grega do século II d.C., afirma ser a fábula “um discurso mentiroso que retrata uma verdade”. Séculos mais tarde, Francisco Rodriguez Adrados apresenta a fábula sob uma outra óptica, ao considerá-la uma versão “popular, cômica e humorística do mito”, para o autor, a fábula é um exemplo “que mostra um acontecimento do passado como protótipo de algo que pode repetir-se em qualquer momento”. O ensaísta Emilio Palácios Fernandez fornece uma outra definição: “História protagonizada por animais com uma finalidade moralizadora”. Sob o enfoque narratológico, Wolfgang Kayser define a fábula como uma narração breve, fácil de ser lembrada, com o predomínio da presença de animais e tendo como “mítico antepassado” o escravo grego Esopo. Na mesma linha da definição de Kayser, o estudioso brasileiro Oswaldo Portella afirma ser a fábula uma narração breve, em prosa ou em verso, que encerra uma instrução, um princípio ético, político ou literário. (SANTOS, 2003, p. 31-33).

Ou seja: a problemática que envolve a conceituação da fábula é tão discutível quanto sua definição. Se muitas são as repostas para explicar o que é uma fábula, vários são os aspectos que esta apresenta. Percebe-se, ainda, que sua transposição para épocas e culturas distintas a faz alterar sua forma por receber modificações.

Matthew Hodgart (*apud* SANTOS, 2003, p. 33) afirma que “la fábula es una transformación del cuento popular en aras de la instrucción moral; igual que la literatura aforística, es pedagógica y escolar, producida en sus comienzos por los literatos de las antiguas civilizaciones urbanas”.

Essa afirmação retoma a direta relação que parece existir entre a fábula e o conto popular. Todorov (1980) reconhece a possibilidade da transformação de um gênero em outro, que pode acontecer por vários fatores: inversão, deslocamento, combinação etc. Segundo Santos (2003), Todorov, ao analisar o texto *Tratado sobre a fábula* de Lessing, conclui que as fábulas se dividem em dois gêneros: narrativo (casos particulares) e o simbólico (casos possíveis).

Para Jean-Marie Schaeffer (*apud* SANTOS, 2003, p. 34), existem dois modelos teóricos que explicam a fábula como um gênero literário: o evolucionista – o gênero é

um processo autotélico – e o matricial – a evolução histórica do gênero gera diferentes textos. Assim, a relação entre os textos se explica pela imposição de uma identidade cultural. Os gêneros literários, a cada dia, se fundem, se re-elaboram e criam novas possibilidades para aqueles que produzem literatura.

Da função mítica e retórica, encontrada na antiguidade, à condição de espécie literária, assumida na cultura ocidental, decorre um longo caminho. Se em Aristóteles a fábula configura-se em um recurso à disposição do orador para persuadir os ouvintes, em contrapartida, na Idade Média, sua função oscila entre a apologia à moralidade burguesa e a contestação às normas sociais. Mais tarde, sob a influência do Iluminismo, La Fontaine enfatiza o caráter pedagógico deste gênero. A fábula chega ao século XX comprometida com os aspectos satíricos e a crítica política [...] (SANTOS, 2003, p. 34).

Francisco Rodriguez Adrados, segundo Santos (2003), assinala que a fábula é um breve relato, com organização constante e simples, que apresenta uma situação de “enfrentamento estereotipado” e uma conclusão explicitada na moralidade. Os animais, comuns no gênero, são símbolos dos tipos humanos e suas ações, uma exemplificação do real. Essa ideia concorda com o que afirma La Fontaine: “As particularidades dos animais e seus diversos caracteres nelas se exprimem, e conseqüentemente os nossos também, uma vez que somos a síntese do que há de bom e de mau nas criaturas irracionais”.

Mas, qual é a verdadeira finalidade da fábula?

Para Fedro, essa narrativa permite dizer o que se quer de maneira menos explícita, ou mesmo oblíqua. Porém, percebe-se que elas vão além: denunciam, satirizam, confrontam incoerências, enaltecem virtudes, ridicularizam vícios e servem de exemplo. Para Ítalo Calvino, “a fábula clássica é uma narrativa que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

Por outro lado, há o conto popular, que, ao ser elevado à categoria de conto de fadas, passou a constituir diferente categoria entre os textos considerados clássicos.

Durante muitos e muitos séculos, [os contos] nem ao menos foram escritos. Sobreviveram e se espalharam por toda parte graças à memória e à habilidade narrativa de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo histórias. (MACHADO, 2002, p. 69).

Charles Perrault, em 1697, recontou e publicou famosos contos de fadas, especialmente para crianças da corte real. Em 1802, na Alemanha, Wilhelm e Jacob Grimm reuniram 210 contos e fizeram uma coletânea das histórias populares do país, com o objetivo principal de preservar e divulgar o patrimônio literário tradicional alemão. Na segunda metade do século XX, Ítalo Calvino compilou e organizou as histórias de seu país, a Itália, em seu famoso *Fábulas Italianas*.

Vê-se, então, que conto e fábula parecem ter a mesma origem. Talvez por isso não seja errôneo pensar a possibilidade de o conto de Mia Couto ser também uma fábula.

Passemos para a análise do livro, na qual essas questões poderão ser mais bem discutidas.

3 AS FRONTEIRAS ENTRE O DIA E A NOITE

O narrador de *O gato e o escuro* é anônimo e ocupa o lugar de um verdadeiro contador de histórias. Eis como inicia o conto:

Vejam, meus filhos, o gatinho preto, sentado no cimo desta história. Pois ele nem sempre foi dessa cor. Conta a mãe dele que, antes, tinha sido amarelo, às malhas e às pintas. Tanto que lhe chamavam o Pintalgato.

Diz-se que ficou desta aparência, em totalidade negra, por motivo de um susto. Vou aqui contar como aconteceu essa trespassagem de claro para escuro. O caso, vos digo, não é nada claro. (COUTO, 2008, p. 06-08).

O narrador-contador surge sentado no centro de um círculo formado por crianças, como o texto faz perceber. Ele começa a narrar a história que parece estar em um livro, o que o torna um contador diferente daqueles tradicionais, dos que fala Walter Benjamin, pois ele lê o que conta. Até então, o texto apresenta as características de um conto.

Depois, o texto passa a apresentar características também atribuídas à fábula. O narrador passa a contar a história de seres – gatos e escuro – que falam:

Pensava que nunca mais regressaria ao seu original formato. Foi então que ouviu uma voz dizendo:

- Não chore, gatinho.

- Quem é?

- Sou eu, o escuro. Eu é que devia chorar, porque olho tudo e não vejo nada. (COUTO, 2008, p. 17).

A partir daí, conto e fábula se misturam para contar a história de um gatinho desobediente, característica que o torna parecido com uma criança, que necessita de autonomia e que tem sede de descobertas.

Desse modo, a narrativa passa a apresentar características do conto, especialmente de um conto de fadas, pois deixa perceber os desejos, medos e anseios comuns aos seres humanos. Mia Couto traz à tona a questão da desobediência e do medo que ela provoca naqueles que a praticam:

Certa vez, inspirou coragem e passou uma perna para o lado de lá, onde a noite se enrosca a dormir. Foi ganhando mais confiança e, de cada vez, se adentrou um bocadinho. Até que a metade completa dele já passara a fronteira, para além do limite.

Quando regressava de sua desobediência, olhou as patas adianteiras e se assustou. Estavam pretas, mais que o breu.

Escondeu-se num canto, mais enrolado que o pangolim. Não queria ser visto em flagrante escuridão.

Mesmo assim, no dia seguinte, ele insistiu na brincadeira. E passou mesmo todo inteiro para o lado de além da claridade. À medida que avançava, seu coração tiquetaqueava. Temia o castigo. (COUTO, 2008, p. 12-14).

Os contos de fadas, segundo Ana Maria Machado (2002, p. 79-80), “sempre funcionaram como uma válvula de escape para as aflições da alma infantil e permitiram que as crianças pudessem vivenciar problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais felizes dessa experiência”.

Na história, o Pintalgato não é uma criança, mas a simboliza. É o gato que serve de exemplo para as crianças que estão ouvindo a história contada pelo narrador anônimo. Há, portanto, uma mistura de “realidade” e ficção, de fábula e conto. A história está na fronteira entre o dia – que pode ser a fábula – e a noite – que pode ser o conto – ou vice-versa.

Situamo-nos na fronteira entre o dia e a noite, entre a luz e o escuro, e é a este espaço abstracto que é atribuída uma espécie de fisicidade, permitindo que um gato, elemento do mundo concreto, o percorra ou o invada livremente. É, no fundo, uma transgressão que se afigura, em última instância, como reflexo de uma ânsia de conhecimento, de atracção pelo misterioso ou pelo proibido. Na realidade, o Pintalgato, coprotagonista da diegese, não se acomoda e tal determinação permite-lhe alimentar voos ou sonhos, propiciadores de uma aproximação a uma outra entidade abstracta personificada, o escuro. (SILVA, 2009, p. 01).

No fiar da história, as situações passam a acontecer de maneira fabular, “onde a noite se enrosca a dormir”. O Pintalgato começa a se transformar em um gato da cor do escuro, porque “passou mesmo todo inteiro para o lado de além da claridade”. Até que se encontra com o escuro.

Sim, o escuro, coitado. Que vida a dele, sempre afastado da luz! Não era de sentir pena? Por exemplo, ele e entristecia de não enxergar os lindos olhos do bichano, nem os seus mesmos ele distinguia, olhos pretos em corpo negro. Nada, nem cauda nem o arco tenso das costas. Nada sobrava de sua anterior gateza. E o escuro, riste, desabou em lágrimas. (COUTO, 2008, p. 18).

Depois disso, as características de fábula são ainda mais reforçadas. Chega, então, a mãe do Pintalgato para consolar o escuro. E, do alto de sua experiência de grande gata mãe, ela afirma:

- Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. (COUTO, 2008, p. 25).

E arremata:

- Não é você que mete medo. Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos. (COUTO, 2008, p. 26-27).

Poder-se-ia dizer, então, que há um ensinamento nas palavras da grande gata, o que na fábula seria chamada “moral”. A moral estaria diluída dentro da própria história. Porém, isso não significa dizer que um conto não possa ensinar algo. Esse gênero

também o faz, em geral, de maneira menos explícita. Vejamos o que afirma Ana Maria Machado sobre os ensinamentos dos contos de fadas, a título de exemplo:

Tratam do medo do abandono e da rejeição [...], da rivalidade entre irmãos [...], da vontade de ocupar o lugar do pai ou da mãe. Refletem os eternos conflitos das crianças com imagens contraditórias que têm dos pais, ora vistos como bons e justos, provedores e protetores (reis, cavaleiros, fadas, gênios), ora temidos como entidades muito fortes, poderosas, autoritárias e cruéis (gigantes, lobos, dragões, bruxas, madrastas). (MACHADO, 2002, p. 80).

Nos parágrafos finais, a história volta ao “padrão” de conto:

Pintalgato fitou o fundo dos olhos da sua mãe, como se se debruçasse num poço escuro. De rompante, quase se derrubou, lhe surgiu como que um relâmpago atravessando a noite.
Pintalgato acordou, todo estremolhado, e viu que, afinal, tudo tinha sido um sonho. Chamou pela mãe. Ela se aproximou e ele notou seus olhos, viu uma estranheza nunca antes reparada. Quando olhava o escuro, a mãe ficava com os olhos pretos. Pareciam cheios de escuro. Como se engravidassem de breu, a abarrotar de pupilas. (COUTO, 2008, p. 34).

O sonho, a fantasia, a imaginação, tudo é retomado e reunido, deixando o leitor com o coração “tiquetaqueando” pelo modo como o autor faz “despersianar” nossos olhos para perceber e contemplar os valores trazidos pela história, como a tolerância, o direito à diferença, a importância do auto-conhecimento e da auto-afirmação.

Pelas palavras do contador da história, Mia Couto deixa entrever a falta de limites que se encontra entre os gêneros nos dias atuais, ao misturar características da fábula e do conto em sua narrativa, corroborando o que afirma Derrida na epígrafe deste estudo. Ele vai além do que é tradicional e estático, unindo dois gêneros de origem comum e criando uma espécie de conto-fábula bastante representativo deste momento contemporâneo.

4 REFERÊNCIAS

- COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. Ilustrações de Marilda Castanha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2.ed.rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- SANTOS, Ismael dos. **Homens, raposas e uvas: a fábula na literatura brasileira**. Blumenau: Edifurb, 2003. (Versiprosa).
- SILVA, Sara. Recensão de: O gato e o escuro de Mia Couto. Disponível em: <http://www.terranova.pt/site/paginas.asp>
- TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Elisa Angotti Kossovith. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

